

Chuster, A. (1999).

W.R. Bion: Novas Leituras

R. Janiero: companhia de Freud.

Aprendendo da experiência*

1,80

A Teoria do Pensar teve como desdobramento imediato a formulação de uma teoria do inconsciente com características discursivas próprias. Para atender ao estatuto de uma ética trágica, Bion precisava indagar não só como o pensamento se desenvolve, mas como este se cria em sua relação como o inconsciente. Este desenvolvimento começa a ser ampliado em *Learning from Experience* (1962)

Para acompanharmos este desdobramento é necessário acentuar o problema envolvido na formulação de uma teoria do inconsciente. Esbarra-se aqui com o mesmo problema da filosofia e, de certa forma, da religião. Isto é, o problema da existência do inconsciente é semelhante ao indagar da existência de Deus ou do que Kant chamou de coisa em si. Esse é o problema que irá nos conduzir desde os impasses da apresentação freudiana do inconsciente até a solução apresentada por Bion.

Em *Learning from Experience*, podemos considerar que a base do texto resume-se à experiência de aprender com existência do inconsciente que é a **experiência emocional**, conceito que é formulado neste texto através de uma escrita específica de vínculos (K, L, H). Não se trata obviamente de pedagogia ou processo racional de aprendizado, embora formule uma lógica que atende

* escrito em colaboração com Cristiane Decker.

ao "aprender a pensar" que, paradoxalmente, começa pela experiência emocional de tolerar a ausência de pensamentos (estado que Bion observou como intolerável para a parte psicótica da personalidade).

A primeira vista, a existência do inconsciente não é evidente, no sentido da evidência requerida pelas ciências. Ou melhor, o inconsciente não está disponível para o aparelho sensorial humano. Não pode ser objeto de uma certeza sensível, nem pode ser induzido experimentalmente como uma reação química. O inconsciente não tem aparecimento linear, nem pode ser deduzido como os planetas pelo efeito que causam na órbita de outros. O inconsciente não é um sistema como a eletricidade (embora muitas pessoas se refiram a ele como uma "energia" e, aplicam para compreendê-lo leis da eletromecânica ou de eletromagnetismo). O inconsciente, se é que podemos dizer algo sobre ele, é uma espécie de determinação que incide sobre problemas particulares – no caso, comportamentos e modos de pensar – e, que aparecem para a psicanálise dentro de uma prática específica.

Na abertura do texto, Bion consultando a matemática descreve as manifestações do inconsciente através de uma função que é o comportamento e, os modos de pensar como fatores dessa função. Nesse sentido, estabelece uma cisão em que de um lado temos o inconsciente como objeto verdadeiro, porém inacessível e incognoscível e, de outro lado, um sujeito que nos é dado a observar por dois conceitos de lógica matemática: **função** e **fator**. A questão é qual o conceito teórico que pode dar conta de ambos? Como veremos adiante é a pré-concepção.

Essa correlação produz diversas dificuldades, pois Bion tem de dar a eles um sentido distinto da matemática, isto é, um sentido psicanalítico. No geral da ciência, se tomarmos como exemplo algum comparativo, como na química ou na física, a determinação é objetiva e nada altera o próprio conhecedor em sua subjetividade. Mas não é isso que ocorre com o inconsciente. Não se pode dizer que o inconsciente possa perfeitamente existir e ser conhecido de um outro sem sê-lo dele próprio. O inconsciente no sentido pleno do termo, acha-se numa relação de distanciamento essencial com o fenômeno da consciência, e esse distanciamento deve ser marcado no nível da subjetividade. Mas a subjetividade daquele que proclama conhecer é a consciência. E é difícil ver como o inconsciente poderia, nessas condições, dar-se numa evidência. Portanto, em primeiro lugar, **o inconsciente é a hipótese do inconsciente**, o que nos leva ao campo ético mais do que ao óptico. Pois é preciso tentar estabelecer a existência do

inconsciente, tal como se verifica uma hipótese e, considerando que essa hipótese determina uma **prática**, que vai atender ao sofrimento humano, torna-se fundamental considerar a ética que conduz o projeto de compreensão e construção dessa hipótese (não é preciso ir muito longe para perceber as implicações de uma hipótese que ignora a existência da dor psíquica).

Apenas dois métodos dedutivo-científicos são possíveis. O primeiro é ceder a uma verificação experimental, como se faz na Biologia. Se a hipótese for verdadeira deve possibilitar uma previsão dos acontecimentos numa situação definida. Tal justificação pode ser denominada de *a posteriori*.

A outra possibilidade é buscar uma fundamentação ou dedução lógica a partir de uma verdade evidente, procedendo então através do raciocínio puro. Uma confirmação deste tipo seria *a priori*. Foi assim que certos filósofos tentaram estabelecer a existência de Deus, que evidentemente não poderia ser verificada na experiência.

Sabemos que Freud optou pelo primeiro método para confirmar a existência do Inconsciente. Todavia, as provas que Freud forneceu não convenceram ninguém exceto aqueles que já estavam convencidos. Assim, quando se formula uma hipótese do inconsciente é preciso indagar se existe a possibilidade de estabelecer dedutivamente a existência do inconsciente. Mas o que significa este processo?

Note-se que a Teoria do Pensar está contida entre a idéia da pré-concepção (*a priori*) e o sistema instrumental Grade (*a posteriori*). Ou melhor, a dedução filosófica que é a pré-concepção antes de mais nada é também matemática (Grade) – se desprezarmos o fato de que objetos matemáticos para Kant devem ter uma certa relação constitutiva com a experiência geral – deve fundamentar-se num princípio que não poderia ser outro senão uma conformidade primordial entre o Pensamento e o Ser, isto é, uma verdade⁶². Isso é compreensível, já que deve permanecer no plano da dedução e do discurso. Mas será que a própria idéia do Inconsciente deixa alguma possibilidade a tal procedimento?

Diante dessa dúvida, é preciso retomar a análise do conceito de Inconsciente, para verificar quais são as vias de uma eventual demonstração de sua existência? Deste modo, a insatisfação com a teoria que abrange determinadas questões clínicas vai ganhando dimensões muito mais complexas. É necessário

⁶² Vullemin, J.(1994) *Eintuitionisme Kantien*, Vrin, Paris

que Bion formule sua própria teoria do inconsciente, distinta de Freud e Melanie Klein? E o que ele descobre?

O inconsciente ultrapassa radicalmente o "mundo" como correlato necessário da consciência (e também daquilo que Freud chama de pré-consciente) – ele vai traduzir esta descoberta pelo "O". Ao mesmo tempo, é no contexto do mundo que a antecipação e a previsão são possíveis. Logo, a prova experimental é contraditória à idéia do inconsciente, já que se baseia numa teoria de previsibilidade. Uma dedução lógica, ou seja, baseada na linguagem, é igualmente impossível à medida que a linguagem é concebida como constituída de signos que exprimem significações e, que a significação e o signo estão intrinsecamente ligados ao mundo.

Bion procura contornar o impasse trazido pelo plano lingüístico sem o instrumento da lingüística e, determina outro plano, o **inacessível**, representado na Teoria do Pensar pela **pré-concepção inata**, cujas características correspondem, até certo ponto, às profantusias de Freud. Assim, a pré-concepção permite teoricamente essa demonstração da existência do inconsciente, que é desde logo exigida pela teoria do inconsciente. E a confrontação dessa teoria com o campo filosófico e matemático pode então adquirir sentido. Desse modo, a natureza da psicanálise compromete-se intensamente com a concepção do inconsciente que é utilizada, estabelecendo constantes distinções entre ensino e aprendizado – daí o texto *Aprender com a Experiência* e, a questão que dele surgirá para a representação de uma dimensão para uso das formulações no eixo horizontal da *Grade*.

São dois os aspectos nodais que Bion desenvolve no texto: um **concreto** e um **abstrato**. Esses aspectos, pela ótica kleiniana, a rigor coincidem as posições esquizo-paranóide e depressiva, e vão dialogando, oscilando entre si, na formação dos conceitos contidos no discurso, até apontar para uma modificação essencial na compreensão desta teoria inicial de leitura. Ocorre um corte fundamental com a introdução do conceito de **fato selecionado** proveniente do pensamento científico de Poincaré⁶³. Mas inicialmente o texto segue duas questões:

⁶³ Poincaré, Henri Jules (1854 – 1952)- Engenheiro, professor de astronomia e mecânica celeste, publicou cerca de 500 trabalhos em todas as áreas da matemática pura e aplicada, fornecendo bases filosóficas da observação matemática. Defensor da ciência como principal objetivo da humanidade, escreveu: "A busca da verdade deve ser o objetivo de nossa atividade; é o único fim digno dela...Entretanto, a verdade nos amedronta. E de fato sabemos que por vezes ela é decepcionante,

- 1) Trabalhar com conceitos, teorias psicanalíticas, é algo completamente distinto de estar no processo analítico, sentindo como se manifestam os processos psíquicos – este é o aspecto concreto.
- 2) Ainda há muito a ser feito no nível teórico, tanto para explorar a psique inconsciente, como para compreender a relação entre essa psique e o indivíduo socialmente fabricado (que depende da instituição da sociedade) – este é o aspecto abstrato.

Ambos aspectos podem ser articulados numa questão ampla: como essa entidade totalmente a-social, esse campo absolutamente egocêntrico, a-real ou anti-real, a psique, pode ser transformada pelas ações e pelos continentes instituídos da sociedade, em um **indivíduo social** que fala, pensa e, pode renunciar a satisfação imediata de seus desejos⁶⁴?

Esta questão pode ser desenvolvida pela tese de que a principal característica da organização social são os processos de pensamento. Através do pensar a psique vincula-se a outra psique, constituindo o ser social. Bion demonstra como esta trajetória é extremamente complexa e repleta de problemas dolorosos para o ser humano.

O sentido principal do texto mostra a fragilidade do ser humano, sua incapacidade para conhecer o mundo no qual necessita sobreviver, a fragilidade do processo de aprender com a experiência. As únicas coisas que traz para garantir a vida são as **pré-concepções inatas** que vão buscar realizações através do corpo social capaz de garantir a sobrevivência do indivíduo (a mãe é a primeira representante deste corpo social).

As pré-concepções articulam-se inicialmente com um universo restrito: o seio, como fonte de sobrevivência pelo acesso ao social. Bion descreve também a pré-concepção edípica, fonte de acesso ao social pela sexualidade criativa.

é um fantasma que só nos apreça para fugir sem cessar, e que é preciso persegui-la até mais e mais adiante, sem jamais conseguir atingi-la...". Nas conferências de 1974, Bion faz uma articulação entre Poincaré e Freud: "Freud disse que é importante ser capaz de observar, prestar atenção ao paciente, escutar o que está ocorrendo até que um padrão emerge. Poincaré disse que uma porção de fatos despercebidos, sem sentido e desconexos, quando eram contemplados por um tempo suficiente, faziam-no pensar em uma fórmula matemática; aí ele se dava conta de que a fórmula explicava muitos fatos anteriormente não explicados e, então se tivesse sorte poderia também explicar diversos fatos que não tinham sido considerados".

⁶⁴ Esta forma de colocar a questão deve-se a Castoriadis, C. (1990) *As Encruzilhadas do Labirinto*, vol. III, Paz e Terra, Rio de Janeiro

Elas não tem um conjunto harmônico ou estável. Pelo contrário, nomeiam a instabilidade inerente ao psiquismo humano, produzindo quebras que conhecemos como "sintomas".

A primeira forma de diálogo entre essas pré-disposições aparece no confronto entre os aspectos da psique que Bion chamou de **elementos-alfa** e **elementos-beta**. Esses termos são basicamente conceitos vazios, uma linguagem sem significado que depende da experiência de quem os utiliza para adquirir um significado específico. Mas, no geral, tem o significado derivado de uma função, a **função-alfa**, que determina o aparecimento de ambos. Ou seja, os primeiros resultam de um bom funcionamento da função relacionando-se com os aspectos abstratos e, os segundos resultam de uma falha, relacionando-se com os aspectos concretos. Não podemos perder de vista sua qualidade hipotética.

Os **elementos-alfa** resultam da atividade executada pela função-alfa sobre as impressões sensoriais e emoções brutas. Na Grade localizam-se na coluna B do eixo evolutivo e, comportam todos os usos de B1 a B6. Os elementos-alfa são suscetíveis de serem armazenados como memória e de corresponderem aos requisitos dos pensamentos oníricos. Isto é, possibilitam o sonhar. Esses elementos são semelhantes e, na realidade, idênticos, às imagens visuais do sonho. Correspondem ao que Freud chamou de representação de coisa, que formam o conteúdo do inconsciente. Nesse sentido, os elementos-alfa são o que Lacan chamou de significantes.

Na teoria de Lacan, o significante precede o significado, portanto, existe um plano em que atua a pura articulação do significante, onde existe o significante puro, sem significado. Isso coincide com os elementos-alfa que são como os significantes um agente, possuindo uma autonomia. É importante ressaltar que tanto Lacan como Bion falam de significantes e elementos-alfa, não em signos. Por outro lado, a fórmula lacaniana: "*um significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante*", referindo-se ao fato de que a identificação constitutiva do sujeito é a identificação com um significante, pode ser entendida em Bion quando ele fala de *uma versão elemento-alfa do mito edípico*. Essa versão, quando particular do sujeito, traduzindo seu mito pessoal representa a pré-concepção, através da qual a criança consegue estabelecer contato com os pais, tal como são, no mundo da realidade. A união dessa pré-concepção edípica elemento-alfa com a realização dos pais da realidade, produz a concepção dos pais.

Essa versão elemento-alfa indica que os problemas edípicos foram atingidos, ao contrário da versão beta em que a carga emocional é de intensidade

intolerável (e possui conteúdos de inveja, sadismo, voracidade, etc.) que aniquila a própria pré-concepção edípica. Como resultado, a criança perde o aparelho essencial para desenvolver uma concepção da relação entre os pais e, por conseguinte, para a resolução dos seus problemas edípicos: “*Não é pois, que não se resolvam estes problemas – ela apenas nunca os atinge*”. Lembro aqui de um paciente esquizóide que toda vez que a análise aproximava-se de uma compreensão de seus sentimentos, ele sonhava que estava nadando no mar e não atingia a praia. Isto era dito com prazer, e ele até debochava que a análise poderia ser mais uma destas situações em sua vida em que ele nadava, nadava e morria na praia. Uma série de projetos eram iniciados e abandonados, o que ficou claro que era uma ataque à cena primária, à sua capacidade criativa, por não suportar as emoções que despertavam.

Ambos, Lacan e Bion, desenvolvem uma teorização do inconsciente que sustenta a descoberta freudiana ao assinalar a diferença entre o sujeito do inconsciente, aquele cuja causa é o significante (os elementos-alfa) e, o sujeito existencial, do ser-no-mundo, o único para o qual pode haver representações (que começam com os pensamentos oníricos).

A versão-beta do mito edípico é a inviabilização do inconsciente, e ocorre no paciente psicótico. Na verdade, diz Bion, o psicótico é o que não tem inconsciente. Deste modo, podemos dizer que os elementos-alfa, como os significantes de Lacan, são o próprio ser. Inviabilizando-se a criação dos elementos-alfa surge o não-ser, sentimento de não existência, com frequência descrito pelo paciente psicótico. Num outro aspecto, a impossibilidade de formar elementos-alfa está ligada a impossibilidade de sonhar, assim produzindo no psicótico a impressão angustiante de que não pode estar dormindo e nem acordado.

A expressão **elementos-beta** foi criada por Bion para discutir no campo analítico os elementos que possuem a característica de soma e psique, sem possibilidade de distinção entre os dois: “*os pensamentos são coisas, as coisas são pensamentos, e todos tem personalidade*”. Em certo sentido, essa formulação coincide com o conceito de *sistema proto-mental*. Existe uma óbvia analogia com o conceito de narcisismo primário de Freud, que é operacionalizado por uma nova linguagem.

Os elementos-beta são conceitos vazios e, podem representar, numa tentativa de tradução em teoria freudiana, o primeiro movimento da pulsão no trajeto até o objeto. A partir da chegada no objeto, passa a representar outras manifestações (psicossomáticas, por exemplo), daí a dificuldade que o conceito pode trazer ao leitor de Bion.

Bion tentou contornar essa dificuldade frisando que a experiência do leitor seria necessária e imprescindível para dar significado ao conceito. Todavia, sem entender os distintos significados, fica difícil captá-lo.

Na *Grade*, os elementos-beta estão colocados na primeira categoria do eixo desenvolvimento (o eixo da função materna) e, comportam no eixo uso (o eixo da função paterna) apenas três usos: A1, A2 e A6.

No primeiro uso, A1, a categoria se define como extremamente primitiva. Por primitivo, entende-se sempre a indiferenciação entre físico e psíquico, sujeito e objeto, moral e científico. À medida que é saturada, não se presta ao uso como pré-concepção.

A única aceção em que se pode considerá-la adequada ao uso, é o de fornecer uma definição que, como toda definição, aprisiona algo dentro de certos limites. Seu significado não se libera pela verbalização. Todavia, adapta-se bem à identificação projetiva, que é o único movimento psíquico por onde transita.

Para Bion, as indicações de A1 anulam A2. Essa anulação deriva sobretudo da incapacidade de A1 desenvolver-se. Porém, utiliza-se A1 para corresponder a determinadas funções de A2, naquilo em que o aprisionamento implícito em A1 impossibilita qualquer liberação do significado anulando A3, A4, e A5. Resta A6, que é a categoria descrevendo o trabalho da identificação projetiva como ação evacuatória.

O modelo clínico de Bion para os elementos-beta é basicamente a experiência vivencial da psicose, sendo necessários para diferenciar os fenômenos psicóticos dos não-psicóticos.

Nas *Conferências Brasileiras* de 1973, na pg.66, Bion diz:

*"Elementos-beta são uma forma de falar acerca de um material que não é pensamento; elementos-alfa é a forma de falar acerca de elementos que hipoteticamente supomos ser uma parte do pensamento. O poeta Donne escreveu: 'seu sangue puro e eloqüente, falou em suas faces, como se seu corpo pensasse'. Isto expressa exatamente para mim o estágio que se interpõe, e que na *Grade* é mostrado no papel como sendo a linha separando os dois, que é representada pelas palavras do poeta. O analista tem que ser suficientemente sensível durante o ato analítico para perceber essas nuances. Minha impressão é que quem fez a pergunta está considerando exatamente esta situação de mudança de alguma coisa que não é um pensamento para alguma coisa que é um pensamento. Na prática, o paciente à vezes errubescer - um ato fisiológico. O analista pode sentir que o enrubescimento transmite algo. Nesta eventualidade, podemos cogitar uma linha imaginária separando o paciente do analista; um fato corporal de um fato psíquico."*

O outro modelo que Bion utilizou para referir-se aos elementos-beta é o da relação inicial do bebê com o seio: a criança projeta o medo da morte no continente-seio-mãe, como elementos-beta. O continente recebe a “carga emocional” e a “desintoxica”, modificando-a para a criança receber de volta sob uma forma tolerável. Em outras palavras, o medo se modifica pela capacidade de “escuta da mãe”, que desta forma transmite elementos-alfa para a criança utilizar. Não é que ela transforme elementos-beta em alfa, isso não ocorre. Nesse processo da função materna básica, os elementos-beta são destituídos do excesso de emoção que incita o crescimento do elemento restritivo e expulsivo.

Além disso, o termo cobre uma área de fenômenos, “tais como os pensamentos que certos pacientes psicóticos consideram indistinguíveis de “coisas”...Esses, tomam como “fatos” o que psicanaliticamente considera-se como fantasias.

A teoria matemática das funções continua neste texto encontrando sua principal aplicação no campo conceitual de Bion. **Função-alfa**⁶⁵ é um termo a priori destituído de significado. Originariamente Bion pensou nele como *dream-work alfa* (*Cogitations*), expressão que denota uma forte correlação com o processo de elaboração onírica descrito por Freud. Porém, se ele a tivesse mantido estaria sendo incoerente com sua proposta epistemológica. O modelo da função-alfa amplia a possibilidade de investigação do campo analítico sem a presença de um significado fortemente sugestivo, como é o caso da elaboração onírica freudiana. Mas não resta dúvida que o modelo do sonho é o adotado como referencial psicanalítico básico e, como extensão do processo de *reverie*, que está confinado conceitualmente a relação mãe-bebê.

Uma **função** pode ser definida como a correspondência entre os elementos de dois conjuntos; cada elemento desses conjuntos é uma variável. Bion visualizou a possibilidade de empregar o conceito para investigar os processos de pensamento. Pensar é uma função acionada pelos pensamentos. A teoria das funções coincide com o esforço de Lacan para apresentar as estruturas psicanalíticas sob a forma de matemas. Isto é feito em razão de reconhecer que o sujeito se constitui a partir de uma estrutura significativa que parece ter todas as características formais das estruturas e da escrita matemática. As matemáticas se afiguram então, para a psicanálise, como ocorreu com outros saberes em sua entrada na ciência, como um modelo de rigor, “metalinguagem ideal”, de acordo com Lacan, se nos fosse possível falar em metalinguagem e se a escrita fosse uma linguagem. Ao menos a escrita matemática seria a escrita pura, não saturada de saber, forma ideal de todo saber. Mas, a análise da escrita da ciência leva-o a abandonar este modelo pelo saber analítico, o que implica em constituir os matemas de uma forma diferente da ciência. Nesse processo, Lacan retoma e rescreve as 4 proposições da lógica formal (a universalidade afirmativa, a particular negativa, a universal negativa e a particular afirmativa).

No geral, a função-alfa propõe para a função analítica uma ordem onírica. A sessão analítica necessita de um clima onírico para funcionar. O sonhar não é um fenômeno confinado ao dormir, mas uma constante do estado mental.

Essa constante, dentro do âmbito da consulta à matemática deve ser entendida como uma sucessão não-limitada, portanto apresentando a lógica de uma divergência natural. Isto é, pela perspectiva da função-alfa toda questão em psicanálise passa a estar localizada precisamente no vínculo que o sujeito mantém com o inconsciente. Podemos ser totalmente dominados pelo inconsciente. E podemos estabelecer um outro vínculo, o que não significa eliminar este domínio do inconsciente – isto é totalmente impossível. Significa antes de tudo que mais inconsciente é criado. Pois é exatamente a falta dele que incapacita o indivíduo para a vida psíquica. Por outro vértice, significa também que sabemos até certo ponto, que não escondemos aquilo que é o inconsciente e, que de certa forma questionável, no que diz respeito ao uso, podemos filtrar o que do inconsciente torna-se ato ou palavra.

O psicanalista diante da clínica necessita sustentar uma questão: o que deve ele fazer? Esta indagação é ao mesmo tempo ética e técnica, aparecendo apenas a partir do momento em que há questionamento da instituição psicanalítica.

A instituição está presente na medida que ela sugere a necessidade de um diagnóstico – ou qualquer coisa que faça parte da memória e do desejo de compreender. Isto pode ir desde o fato de achar que o analisando é, por exemplo, psicótico maníaco-depressivo ou sofre de histeria, até os fatos corriqueiros como ser adulto, ou ser casado, seguir uma profissão, ter ou não ter dinheiro, etc.

O psicanalista necessita considerar o fato analítico como algo desconhecido. A única coisa que compete ao fazer do analista é saber que não sabe; ele nada sabe sobre a situação com a qual vai defrontar.

Ao mesmo tempo, essa situação desconhecida é uma situação da qual não pode fugir. Portanto, o analista deve ater-se a uma ética que dirá o que ele deve fazer, à começar não sendo um professor, nem um psiquiatra para seus analisandos. Ele necessita perceber que existe uma turbulência emocional.

A turbulência emocional é uma situação indefinida, aparece como produto do que mais de profundo existe e pode acontecer no vínculo entre duas pessoas. Não se trata de pessoas isoladamente, mas do vínculo, que produz fenômenos cuja origem é indecível.

Na prática, o aspecto fundamental da interpretação e do acesso à turbulência depende da escolha do analista de certos fatos. Estes podem ser incluí-

dos na teoria geral de **fato selecionado**⁶⁶ proveniente do pensamento de Poincaré.

Poincaré mostrou que os problemas são fundamentalmente diferentes conforme se trate de um sistema dinâmico estático ou não. E mostrou que os sistemas estáticos são sempre sistemas duais, enquanto os sistemas instáveis são sempre sistemas com mais de três elementos. A mente humana é obviamente um sistema instável e, portanto, só pode ser concebido com três ou mais elementos.

As teorias deterministas tradicionais da psicanálise podem ser analisadas por este vértice. Elas descrevem dualidades que nada mais são do que uma concepção de um mundo idealizado e não o mundo instável, evolutivo, indeterminista, em que vivemos. Entende-se assim porque Bion ao utilizar o conceito de fato selecionado pensou nos sistemas da mente pelo vértice de sua óbvia instabilidade. Assim, incluiu no movimento de oscilação entre as posições esquizoparanóide e depressiva descrito por Melanie Klein, o terceiro que é o fato selecionado. Bion modifica a compreensão da teoria kleiniana naquilo que ela apresenta de descrição de um psiquismo idealizado. Além disso, a mente é sinônimo de emoções (e-moções= movimento), não podendo ser descrita senão através dos vínculos que constituem o triângulo K,L,H em respeito a própria observação clínica.

Cada um destes vínculos apresenta suas características e propõem uma perspectiva de observação em conjunto. Tal perspectiva mais do que uma verdadeira teoria psicanalítica dos afetos (como salientou Meltzer), deve ser vista como uma saída do estruturalismo reducionista e, demanda uma refundamentação da problemática do mundo interno (como veremos nos textos seguintes). Bion descreve a tridimensionalidade edípica como algo que se detecta ao mes-

⁶⁶ No cap.23 do texto, a citação de Poincaré do livro *Ciência e Método*, explica o processo de criação da fórmula matemática através do fato selecionado. O fato selecionado é o que permite na realização ligar os elementos que até então não tinham ligação: "Pode-se ver, por conseguinte, que as representações dos fatos selecionados apresentam coerência semelhante quando se descobre a representação própria de determinados fatos selecionados. Os fatos selecionados, junto com o fato selecionado que parece imprimir coerência a determinados fatos selecionados, emergem do objeto psicanalítico ou de séries destes objetos, mas não se formam segundo os princípios que governam o sistema dedutivo científico. Antes que ele possa criar tal sistema busca-se elaborar os fatos selecionados por processos racionais conscientes...o fato selecionado é o nome da experiência emocional da sensação de descoberta de coerência. Sua significação é, portanto, epistemológica e não se acredita que seja lógica a correlação dos fatos selecionados".

mo tempo que se produz, e que se encontra todo tempo presente, a partir do momento em que o produzimos. Os distintos vínculos mantêm sua heterogeneidade, mas são entretanto captados por uma conjunção constante que identifica-se com o ser da relação no aqui e agora da sessão analítica. A abordagem analítica é referida ao vínculo K, propondo uma intervenção descritiva e não explicativa, voltada para a construção e a produção de um novo sujeito.

Nessa concepção de análise, que vai se afirmando gradualmente, o tempo deixa de ser vivido passivamente (tal como poderíamos inferir pela hermenêutica kleiniana dirigida para a infância precoce e derivada de conceitos como a identificação projetiva). A temporalidade da análise é objeto de transformações qualitativas. O processo analítico não é mais interpretação transferencial de sintomas em função de um conteúdo latente preexistente, mas a criação imaginativa de novas perspectivas suscetíveis de acrescentar algo mais a vida do sujeito. O veículo das transformações é a capacidade ampliada para pensar, móvel originário do vínculo K. Trata-se daquilo que é capaz de "passar à existência", conceito encontrado no sentido original da palavra *techné*, conciliando o caos e a complexidade da mesma forma que Freud em *Traumdeutung* – que Bion retoma pelo vértice do *dream work alfa*, a função-alfa. Entenda-se que o caos não é a pura indiferenciação; possui uma trama ontológica específica que pode significá-lo exatamente como o contrário – a diferença última.⁶⁷ O caos está povoado de entidades virtuais, potenciais, e de modalidades de alteridade que não tem nada de Universal.

⁶⁷ Chuster, A. (1997), "The Myth of Satan- an aesthetic view of Bion's concept of transformation in O" – trabalho apresentado no Congresso Internacional sobre a Obra de Bion, Turim, Itália.